

CULTURA: TRAGÉDIA, GRANDEZA E NEGATIVIDADE

CULTURE: TRAGEDY, GREATNESS AND NEGATIVITY

Tadeu de Oliveira Silva (UFRN)¹

<http://orcid.org/0000-0001-8272-0746>

Anne Carolina Araújo de Maria (UFRN)²

<http://orcid.org/0000-0003-0123-6755>



O livro *A tragédia da cultura: cultura, grandeza negativa* apresenta textos do cientista social e filósofo alemão Georg Simmel (1858-1918) em sua primeira parte e, na sequência, texto do professor da Universidade de São Paulo (USP) e crítico de arte brasileiro José Teixeira Coelho Netto (1944-2022) sobre os conceitos de cultura relacionados à arte e às compreensões e aos desdobramentos analíticos dos autores sobre a tragédia da cultura, do sujeito e do objeto na arte. A obra conta com 144 páginas e foi publicada em 2020 pela editora Iluminuras, do Instituto Itaú Cultural, sendo o 21º volume da coleção *Os Livros do Observatório* da editora. A estrutura do livro é composta pelo texto *A tragédia da cultura*, publicado com o título original *O conceito e a tragédia da cultura*, de Georg Simmel, um ensaio feito pelo autor e publicado pela primeira vez em 1911, na obra *Filosofia da Cultura*, seguido do texto *Cultura, grandeza negativa*, de Teixeira Coelho.

O texto do crítico de arte é subdividido em várias seções, sendo elas *A cultura vista do lado de fora*; *O espírito em chave contemporânea*; *Simmel antecipa o homem sem qualidades e sem conteúdo*; *Quando a cultura é inútil*; *Inesperados aportes da tecnologia para a filosofia e a cultura*; *A cultura inimiga da cultura*; *Afogando em números - mesmo nos bem-intencionados*; *Cultura do excesso, cultura do nada*; *Trabalho da cultura: encarar a época*; *Os conteúdos de cultura contra a finalidade da cultura* e *Posfácio ao posfácio*.

A primeira parte, na qual está presente a obra de Simmel, apresenta as características fundamentais sobre a cultura a partir da discussão sobre o espírito humano. De acordo com o autor, esse espírito humano cria inúmeras formas que continuam a existir de modo independente a ele. Um conflito profundo entre a vida subjetiva – que é finita – e seus conteúdos, que permanecem válidos de forma indefinida.

¹ Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Graduado em Ciências Sociais-Licenciatura pela mesma instituição de ensino. Graduado em Comunicação Social / Habilitação em Jornalismo pela Universidade Potiguar (UnP). E-mail: tadeudeoliveira_@hotmail.com.

² Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Potiguar (UnP). Especialização em Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável pela Universidade Potiguar (UnP). E-mail: annecarolineamaria@gmail.com

Para Simmel, o significado específico da cultura só é alcançado quando os seres humanos incorporam em si algo que é exterior a esse desenvolvimento, quando o caminho do espírito passa por valores e avanços que não são eles mesmos animicamente subjetivos. O autor destaca que as formas objetivamente espirituais como a arte e moral, a ciência e os objetos formatados para fins específicos, a religião e o direito, a tecnologia e as normas sociais são estações pelas quais o sujeito precisa passar para ter o valor intrínseco especial, a sua cultura.

A cultura surge ao reunirem-se dois elementos: o espírito subjetivo e as criações espirituais objetificadas, exteriorizadas. No objeto, reúnem-se vontade e inteligência, individualidade e impulso anímico, potência e estado de ânimo dos espíritos parciais. Cultura é um tipo de perfeição individual que só pode ser alcançada por meio da incorporação de uma forma suprapessoal que se situa fora do sujeito.

De acordo com Simmel, os objetos criados pela cooperação entre muitas pessoas formam uma escala e degrau, dependendo da extensão com que sua unidade remonta à interação espiritual, unitária, reflexiva, de um indivíduo ou ao fato de ter sido obtida sem uma consciência de si mesma. Um exemplo é a cidade, construída não conforme um plano preexistente, mas de acordo com as necessidades e preferências aleatórias dos indivíduos. Partes que se relacionam com um todo.

Citando Marx (1818-1883), o autor destaca que o “caráter de fetiche” que Marx atribui aos objetos econômicos na era da produção de mercadorias é apenas um caso peculiarmente modificado do destino geral dos conteúdos culturais. É o destino inexorável dos elementos culturais o fato de que os objetos têm sua própria lógica de desenvolvimento como obras culturais humanas, desviando-se do rumo do desenvolvimento pessoal do espírito humano e fazem parte de um contexto de especialização abusiva, a verdadeira tragédia da cultura.

Simmel ressalta que as forças negativas direcionadas contra o ser surgem das camadas mais profundas desse próprio ser. Integra o conceito de cultura o fato de que o espírito cria um objetivo autônomo através do qual o desenvolvimento do sujeito segue seu caminho rumo a si mesmo. O desenvolvimento cultural coloca o sujeito para fora de si por meio da ausência de forma e de limites que chega ao espírito objetivo por força da quantidade numérica ilimitada de seus produtores.

O homem moderno está em uma situação problemática: enfrenta a sensação de estar cercado por uma infinidade de elementos culturais que não são insignificantes para ele, mas que não são significativos para ele de forma profunda. O homem não pode assimilá-los, mas também não pode rejeitá-los pois pertencem ao seu desenvolvimento cultural.

O autor compara o homem moderno com os primeiros franciscanos, que viviam independentemente de qualquer coisa que colocasse em risco seu desenvolvimento espiritual sob o lema *nihil habentes, omnia possidentes* (nada temos, tudo possuímos). O homem moderno vive sobrecarregado: *omnia habentes, nihil possidentes* (tudo temos, nada possuímos).

Para Simmel, a divisão do trabalho afasta o produto de cada um dos que contribuíram para a realização dele. Nesse contexto, a obra de arte é um valor cultural grande: é refratário a toda divisão do trabalho. O que foi criado preserva o criador do modo mais completo, mesmo com o desvio da finalidade da cultura.

Na parte da obra *Cultura, grandeza negativa*, Teixeira Coelho aborda o conceito de cultura a partir de sua tragédia mais visível. De acordo com o autor, a primeira tragédia da cultura é a presença dominante da antropologia do século XIX no território da política cultural, mais precisamente, o conceito de cultura descrito por Edward Tylor no livro *Primitive Culture*, de 1891.

Para Tylor, cultura é um conjunto complexo de fenômenos incluindo costumes, dança, conhecimento, lei, moral, arte, crenças e qualquer outras competências e hábitos que os seres humanos adquirem no âmbito da sociedade. Em resumo, de acordo com Teixeira Coelho, a partir da perspectiva de Tylor, cultura seria tudo.

Trata-se de uma visão que aborda apenas a exterioridade dos fenômenos, predominante no território da política cultural. Provocou o surgimento da noção de cultura material, o que produziu e produz estragos imensos, sendo um dos mais consideráveis a passagem da obra e cultura de arte da dimensão do espírito para a esfera do que pode ser medido e pesado.

Em diálogo teórico com os conceitos de Simmel presentes na primeira parte do livro, Teixeira Coelho apresenta a cultura como a reunião entre o espírito subjetivo e as criações espirituais objetificadas. Trata-se de um dualismo entre sujeito e objeto. O indivíduo deve interiorizar uma obra de arte e expressar exteriormente o que interiorizou. No entanto, o que se tem como realidade é que a cultura chega a um objetivo diferente de seu objetivo ideal.

A cultura carrega em si os germes de sua destruição. A ultraespecialização dos saberes e a divisão especializada do trabalho aumentam o aspecto quantitativo e numérico de forma predominante na cultura. A negatividade reside na eliminação do sujeito, que deveria ser o ponto de partida do compartilhamento da cultura, que se torna uma produção tecnocrática.

Dois planos de manifestação da cultura são apresentados: a cultura subjetivada e a cultura objetivada. A objetivada é a cultura visível na forma de salas de teatro, cinema, ópera, livros, igrejas, castelos e inúmeras e diversificadas formas. Cultura objetivada porque sai do espírito, da mente e tomou concretude e exterioridade. O caráter do ser cultivado surge quando a cultura objetivada é reincorporada de forma efetiva ao sujeito e se torna subjetivada, presente no espírito do sujeito, até quando ele mesmo é o autor da obra de arte.

Um exemplo da não subjetivação da cultura objetificada é a dos nazistas, simpatizantes e cúmplices do sistema totalitário, frequentavam concertos de música erudita e, na sequência, promoviam assassinatos, a barbárie contra quem eles considerassem adversário do Estado, da raça, da religião e do partido. Teixeira Coelho apresenta como o conceito de tragédia da cultura de Simmel atravessou o século XX em diálogo com as

obras de Roland Barthes, Max Weber, Theodor Adorno e Max Horkheimer e, também, com as concepções do filósofo Charles Sanders Peirce e de Karl Marx.

Obra que apresenta ao público brasileiro os conceitos de Simmel em diálogo com a realidade das políticas públicas em arte no país, *A tragédia da cultura: Cultura, grandeza negativa* contribui para a construção de uma bibliografia de Georg Simmel no Brasil, autor clássico das Ciências Sociais que, durante décadas, não teve suas perspectivas sobre o indivíduo e a sociedade colocadas em destaque.

A intersecção entre os textos de Simmel e o professor Teixeira Coelho proporciona uma via de interpretação para a situação do homem moderno e da cultura, contexto de profunda especialização em vários segmentos da sociedade. Em tempos de compartilhamento em massa das mais diversas formas de conteúdos, quando números de visualizações em vídeos e fotos e comentários são estabelecidos como parâmetros de “valor cultural”, os conceitos presentes no livro demonstram-se fundamentais.

REFERÊNCIA

SIMMEL, Georg; COELHO, Teixeira. **A tragédia da cultura:** Cultura, grandeza negativa. Tradução: Teixeira Coelho. São Paulo: Itaú Cultural, Iluminuras, 2020.